



## **A criação do texto literário: modos de escrever\***

**Ana Cecília Carvalho\*\***

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil  
anacdecarvalho@gmail.com

O fenômeno da criação literária tem sido para mim objeto de constante reflexão e muita pesquisa. Descobrir a sua natureza, compreender aquilo que a movimenta e sustenta, conhecer as razões e os limites do processo criativo, tudo isso me interessa. A minha intenção, neste artigo, é apenas compartilhar algumas poucas ideias sobre esse tema, sem pretender dar a esta exposição um alcance geral a partir do que é simplesmente uma visão modesta que resulta do meu trabalho de escritora e psicanalista.

Isto posto, peço a vocês que, por um momento, suspendam a tentação de ver a criação literária como um “poço secreto”, uma espécie de “caldeirão fervilhante de inspiração” de onde, em um passe de mágica, surge o texto. Essa é uma fantasia interessante e muito comum, mas o problema é que ela nos mantém ignorantes a respeito da química dos ingredientes do “caldeirão”.

Certamente deve haver um modo de entender o processo criativo em geral e, em particular, o do texto literário, mas um modo que respeite a sua especificidade e, ao mesmo tempo, ilumine a suas características em relação a tantos outros fenômenos humanos. É aí que a psicanálise comparece, por ser um “procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo”, na definição dada por Freud.<sup>1</sup> Contudo, quando abordamos a criação literária pelo viés da psicanálise, surge uma outra resistência que precisamos vencer, esta relativa à ideia de que esse exame fosse uma espécie de profanação. Ninguém gosta de incluir a criação artística e a literária na série dos fenômenos originados nos conflitos psíquicos, junto aos lapsos e esquecimentos mais banais, dos sonhos de toda a noite e – horror dos horrores! – junto dos sintomas mais aborrecidos da clínica

---

\* Texto apresentado no evento “O processo criativo e o texto literário: modos de escrever”, em 9 de outubro de 2019, na Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte. Algumas ideias aqui expostas apareceram, em versão ligeiramente modificada, em: CARVALHO, 1994, p. 4-9.

\*\* Escritora e psicanalista, professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>1</sup> FREUD, 1976, p. 283-307.



cotidiana. Preferíamos que a arte e a literatura permanecessem em um patamar elevado, meio etéreo, lá onde não aparecem as coisas mundanas que nos fazem imperfeitos, mortais ou degradantes. Aliás, não é à toa que empregamos, também em psicanálise, a palavra “sublimação” para descrever o fenômeno artístico e o literário. Nós a tomamos emprestada da química (onde ela significa a passagem do estado sólido para o gasoso) e também da estética (onde sublimar significa elevar algo mundano, terreno, a um nível espiritual, mais refinado). Convém ressaltar, nesse termo, o trabalho de transformação sofrido por um elemento, quando é transportado de seu ambiente original.

Para a psicanálise, a criação artística e a literária, como sublimação, não diferem, quanto à origem, de nenhum desses fenômenos que enumerei. Em sua visão, elas se alinham na mesma série psíquica dos “sintomas”,<sup>2</sup> ao lado dos esquecimentos comuns e dos sintomas psicopatológicos mais tenazes; mas destes a sublimação se distingue quanto ao objetivo (ou o objeto, como se diz em psicanálise).

Poderíamos argumentar que a criação artística e a literária, como sublimação, são sintomas “melhores” do que outros, esses que são condenados à solidão individual pela vergonha e pela censura do neurótico. Isto porque a sublimação expressaria de um modo mais “feliz” (ou seja, fora da repressão, o que nos obriga a reconhecer o parentesco entre a perversão e a sublimação) os mesmos conflitos que os sintomas patológicos tentam expressar com um dispêndio enorme de energia e quase sempre voltados ao fracasso. No entanto, um analista não costuma recomendar que o paciente escolha o caminho da sublimação, em vez de escolher o caminho da formação dos sintomas e das doenças psíquicas. Mesmo se ele o fizesse, não faria com que o paciente se tornasse um artista ou escritor criativo – que, como suspeitamos, não estão imunes ao sofrimento emocional. Mas, afinal, o que caracteriza, senão propicia, o texto literário e o distingue de outros fenômenos originados na vida mental? Retomando o subtítulo do nosso debate, seria o caso de pensar que, os sintomas e o texto literário são “dois modos diferentes de escrever” uma história?

Para responder essa questão, lembro a vocês uma premissa importante: existe uma continuidade entre a brincadeira infantil, a fantasia e a criação artística e literária.<sup>3</sup> Não é sem razão que, para alguns escritores, o texto literário consiste em uma tentativa lúdica de organização, ou mesmo de domínio, de vivências que ele busca apreender ou registrar. Assim, o texto literário seria uma organização, uma espécie de rearranjo muito pessoal de uma realidade extraliterária,<sup>4</sup> a princípio sem sentido.

---

<sup>2</sup> Para uma reflexão detida e minuciosa do conceito de sublimação, sugiro o livro *A sublimação* (Problemáticas III), de Jean Laplanche, 1989.

<sup>3</sup> FREUD, 1976, p. 147-158.

<sup>4</sup> GREEN, 1994.



Não é raro escritores afirmarem que, pela escrita, eles tentam dar forma ao que não tem forma. Esse esforço se inicia como uma tentativa de restauração, de recomposição, em seguida à vivência de sem-sentido ou vazio que pode se seguir a uma perda, ou à experiência de ausência, de algo que se calou e se foi, ou que faltou, por exemplo. O texto equivale a algo assim como a tentativa de construir “uma pele imaginária, uma pele simbólica de palavras”.<sup>5</sup>

A necessidade de escrever é também, para alguns, a tentativa de desvelamento de um não-dito, do deciframento de um enigma ou de um mito que, pela sua própria natureza, permite inúmeras versões e convoca as palavras em sua potência de ressignificação, de interpretação, de enfrentamento das lacunas de sentido, do vazio e, por que não, também dos excessos. A escrita literária permite a experiência incomparavelmente prazerosa de recaptura “de dentro”, em nossos próprios termos, daquilo que se encontra apenas aludido nas entrelinhas da vida.

Diante da necessidade de “nomear o inominável”, de dar sentido ao que não tem sentido,<sup>6</sup> de representar uma ausência, de substituir aquilo que se foi, entre outras possibilidades (entre elas o que alguns escritores costumam dizer, quando interrogados sobre a razão pela qual escrevem, que eles “não sabem fazer outra coisa”), a especificidade da criação literária é fazer isso no registro simbólico, ali onde reside a linguagem e onde as palavras se mostram potencialmente capazes de ampliar experiências singulares em uma rede de compartilhamento muito mais ampla. Vou falar mais sobre isso daqui a pouco.

Outro aspecto interessante é que, para muitos, é preciso que se instale uma distância, para se conseguir escrever. Este é um paradoxo curioso, porque é como se o escritor estivesse procurando restabelecer a mesma situação de falta e de vazio que gerou toda a necessidade de criar. Não é à toa que alguns escritores se recolhem a um exílio,<sup>7</sup> a um isolamento físico e mesmo geográfico, para poderem escrever. Mas talvez isso se refira à busca de um distanciamento interno, onde se pode reencontrar o silêncio produzido pela distância necessária entre o escritor e o mundo, entre o escritor e tudo que alimentará a escrita, inclusive tudo que ele já leu. Pois ele é também um leitor ávido, muito antes de ser escritor. Esse “espaço” físico ou psíquico deve servir a um propósito lúdico, transicional, porque possibilita, na solidão e na privacidade, a reinvenção de sentidos.<sup>8</sup> No espaço da sublimação, o escritor pode, por sua própria conta, explorar seus fantasmas, seus próprios segredos e o das outras

---

<sup>5</sup> Tomo aqui emprestada a formulação feita por D. Anzieu em *Le corps de l'oeuvre* e citada por Denise Morel em *Ter um talento, ter um sintoma*, 1990, p. 184.

<sup>6</sup> MOREL, 1990, p. 28.

<sup>7</sup> MOREL, 1990, p. 169.

<sup>8</sup> MOREL, 1990, p. 190.



peças, cometer assassinatos simbólicos, inventar desastres e vinganças, “contar a sua própria versão”.

Mas não nos enganemos a respeito da facilidade com que se escreve. Se a escrita literária, como sublimação, é parente da brincadeira infantil e da fantasia, ela é também trabalho. Não tem de ser uma tortura, mas quantas vezes é bem na interdição de um prazer imediato que se instala a condição de escrever!<sup>9</sup> Pois é preciso suportar um tempo de duração indefinida enquanto a escrita se realiza, enquanto o texto prossegue como se tivesse vida própria, desobedecendo o que o escritor havia planejado. Aqui se revela uma curiosa oposição entre “método e criação”, sobre a qual discorri em outro trabalho.<sup>10</sup> Além disso, existem outros “obstáculos do escritor”. Estes se relacionam à maior ou menor facilidade com que o escritor lida com o que costumo descrever como um certo trabalho de luto. São situações em que o escritor precisou romper os laços com o outro dentro de si, o que não é fácil. Obstáculos acontecem se, de uma forma ou de outra, não conseguimos calar esse outro dentro de nós; se não conseguimos romper com a imagem de um ideal, seja esse ideal um escritor em que ele se espelha no “cânone” literário, seja ele um leitor, seja ele o mito familiar. Derrubar esse ideal, no sentido preciso de desbancá-lo do alto de sua posição imaginária, tudo isso não é fácil, já que acreditamos sermos feitos à imagem e semelhança desse ideal. E, se o tiramos do pedestal, surge o temor de que a nossa própria imagem caia junto com ele. Às vezes o que nos salva nessa queda é justamente o anteparo da rede simbólica tecida pelo próprio texto, cuja função é amortecer o salto; salvação precária, já que há sempre o risco do mergulho mortífero do escritor na autodestruição, o que aponta para os limites da escrita como sublimação.

Longe de mim resumir a criação literária ao sofrimento, à angústia ou à dor. No trabalho do texto literário, tudo é superado pelo prazer, pela sensação de júbilo reconstituente da própria escrita que, ao se fazer, renova o estoque de libido, a energia necessária para nos manter em trabalho.<sup>11</sup> Isto sem falar no encontro prazeroso e incomparável com a “palavra justa” que surge entre as inúmeras escolhas que o escritor tem de fazer quando escreve.

Além da transformação de uma realidade difícil ou sem sentido, e além da ultrapassagem do outro idealizado dentro de nós, a escrita criativa está relacionada com uma outra vertente, que é a da reparação.<sup>12</sup> Isto porque, para criar e dar por encerrada a obra, deve-se doá-la, entregá-la ao mundo, ao qual ela pertence daí em

---

<sup>9</sup> MOREL, 1990, p. 172.

<sup>10</sup> CARVALHO, 2002, p. 67-74.

<sup>11</sup> MOREL, 1990, p. 172-173.

<sup>12</sup> KLEIN, 1975, p. 16-17.



diante. Dar por encerrado um texto significa que devemos nos dispor dele. Se acreditávamos que causamos algum dano àquele outro com o qual rompemos, o texto aí está para reparar nele o estrago provocado e, ao mesmo tempo, garantir ao escritor outras recomposições das quais vou falar a seguir.

Acabamos de escrever um texto, colocamos ali a nossa marca registrada, o estilo pessoal e singular com que re-descrevemos a realidade e, no entanto, ele já não mais nos pertence: o leitor fará do texto o que bem entender. Como os filhos, nosso texto um dia vai-se embora, ganhando vida própria. O escritor, assim como a mãe zelosa, concebe, gesta seus filhos e cuida deles para que possam aturar bem os desafios da vida. Mas um dia ela os oferece ao mundo para que possam seguir seu próprio caminho, caminho de desfecho não antecipável. Livros, assim como os filhos, “edipianos e parricidas”,<sup>13</sup> são doados ao mundo para que nele possam atuar.

Essa “doação” tem uma face dupla de narcisismo e de capacidade para suportar o risco da falta de reconhecimento e, dessa forma, serve a quatro propósitos. O primeiro, o de eternização, porque não existe pretensão mais narcísica do que a de se imortalizar por meio de um livro.<sup>14</sup> Nos caminhos dos conflitos, das perdas e dos ganhos enfrentados pelo escritor, Eros mostra aqui sua vitória: plantar uma árvore, ter um filho, escrever um livro... Conquistas que visariam, na verdade, garantir ao Narciso dentro de nós que de algum modo driblamos a morte. Cedemos diante dela, mas nossa existência torna-se perene no livro que nos substitui, marcando a nossa ausência com a concretude da criação literária.

O segundo propósito, também visando a restauração narcísica imposta pelos limites da realidade, trata de transformar a impotência do escritor diante dessa realidade: “Escrevo para exercer minha liberdade”, formula Ítalo Campos.<sup>15</sup> Isto porque, ao escrever, o escritor apaga a distância entre ele o mundo, anulando as impossibilidades, tornando-se, como disse Gilles Deleuze,<sup>16</sup> nesse eterno devir que é produção literária, qualquer coisa que o escritor não é: um animal, uma folha, um mineral, um país, uma molécula, ou uma multidão. Disfarçado no texto literário, o escritor se desnudará para se transformar em inúmeras possibilidades dentro ou fora do seu gênero, da sua história e de seu tempo. Ou então dará a impressão de falar de si mesmo, de seu dia a dia banal e prosaico, não deixando ao leitor nenhuma

---

<sup>13</sup> LOPES, 1987, p. 9.

<sup>14</sup> Lembro, aqui, que “o puro egoísmo” é um dos quatro motivos descritos por George Orwell sobre a razão pela qual se escreve (Cf. ORWELL, 2008). Para uma preciosa elaboração sobre os motivos pelos quais se escreve, recomendo o ensaio “Por que escrevo”, de Ítalo Campos, no livro organizado por ele com o título *Por que escrevo*, 2019, p. 79-97.

<sup>15</sup> CAMPOS, 2019, p. 90.

<sup>16</sup> DELEUZE, 1983, p. 11-17.



alternativa a não ser, como um *voyeur*, mergulhar nessa experiência tão alheia e estrangeira como familiar. Ao falar de todos, o escritor fala de um, e, ao falar de um, todos os outros se reconhecerão, no texto. Para isso, é preciso que o escritor se despoje; que, por um momento, ele não seja mesmo nada, para, em seguida, se metamorfosear em qualquer coisa. Terá, assim, ao estender os limites de sua “pele simbólica”, apagado toda a diferença, ao mesmo tempo em que, em primeiro lugar, ele se serviu dela, de sua singularidade, para criar. Não sem razão, Ítalo Campos dirá que escreve porque quer se lembrar e também porque quer se esquecer.<sup>17</sup>

Existe ainda, a partir da noção de conflito psíquico inerente à nossa vida mental, uma terceira função para a criação literária, que é a de escoamento de uma certa tensão agressiva. Vemos essa tensão agressiva se expressar em especial no conto, gênero literário de que mais gosto. O conto tem a característica de fazer com que o leitor sinta que foi pego de surpresa, sem possibilidade de se defender. Este aspecto o deixa em suspense, na expectativa de que o “perigo” o assalte a qualquer momento, tornando-se necessário ler o conto de um golpe só, até o final. Esse “elemento surpresa”, típico do conto, nos revela que, além da reparação e da restauração narcisista que a escrita literária busca realizar para o escritor, encontra-se a vertente da agressividade. Sublimada, convém dizê-lo, isto é, tão modificada quanto à sua natureza e seu objetivo, que o leitor nunca poderia dizer que o escritor o “atacou”, mas certamente sentirá que a leitura de um conto o fascina justamente por ter sido pego desprevenido ali mesmo onde ele imaginava (ou já se preparava para) um outro desfecho (a “peripécia” de que falavam os gregos). Não é à toa que, quando terminamos de ler um conto, nós nos sentimos como se tivéssemos “levado um soco”. Li outro dia em uma postagem, na Internet: “Nunca irrite um escritor. Isto pode fazer com que ele o transforme em um personagem e o mate no final”.

O quarto propósito, a que já aludi, é o de transformação de realidades externas e internas nem sempre fáceis ou prazerosas. O escritor poderá fazer um sintoma como qualquer um,<sup>18</sup> diante de possibilidades existenciais limitadoras ou difíceis. No entanto, sua característica como escritor criativo consiste justamente em obter júbilo ao recompor as várias partes de uma realidade inexorável e transformá-las (isto é, “dar forma” a elas) de um modo singular, mas universalmente compartilhável por todos, em um terreno de prazer. Esses são aspectos que são muito diferentes no sintoma psíquico. O sintoma, movido pela repetição e pela mesmice, feito para enganar, embora carregue em si uma marca pessoal, singular, se expressa de modo não compreensível, não compartilhável, e seu sentido só será decifrável pela interpretação no trabalho analítico, na solidão e na monotonia das quatro paredes de um consultório.

---

<sup>17</sup> CAMPOS, 2019, p. 79-81.

<sup>18</sup> MOREL, 1990, p. 133-135.



Convém insistir: a criação literária, como mencionei, parece movida não pela repetição, mas pela transformação, já que é pela escrita que o autor se reinventa ou reinventa o mundo, aproximando as vizinhanças e eliminando os limites.

Contudo, não é novidade ouvirmos que um escritor está sempre escrevendo a mesma história. Lembramos, no início, que a criação literária e o sintoma são parentes nas séries psíquicas e trarão, tal como acontece nos sonhos, a marca da realidade psíquica e histórica sobre a qual se constrói a subjetividade do escritor. No entanto, ali onde o sintoma quer expressar ou encobrir a mesma coisa, sempre da mesma maneira, a criação literária pode até contar o mesmo tema, mas sempre de outro modo, a cada vez. Sintoma e escrita criativa: modos diferentes de escrever. O primeiro o faz pela via da repetição, tal como Pierre Menard, o personagem de Borges. O segundo, segue a via da transformação, arriscando-se ao inesperado. A criação literária é um processo, um devir. O sintoma psíquico, ao contrário, é uma interrupção, uma parada no processo, como diz Gilles Deleuze.<sup>19</sup>

Diferente do que acontece no sintoma, quando não queremos saber daquilo que nos esforçamos para esquecer, na escrita criativa o escritor quer saber de tudo, até o que não é possível dizer. Mesmo que para isso seja necessário “reinventar a linguagem”, ou desconstruí-la.<sup>20</sup> “Escrevo para saber o que penso”, dizia Susan Sontag; o que evoca a reflexão de Marguerite Duras: “Se o escritor soubesse de antemão o que iria escrever, ele não escreveria.” Assim, na escrita criativa, não nos importamos com a realidade factual; apenas fazemos o que “nos agrada”, até mesmo inventamos um mundo terrivelmente pior do que é.<sup>21</sup> Escrever é, afinal, tornar possível a impossibilidade. Ou, como talvez tenha dito Italo Calvino, “a verdade, seja lá qual for, só é acessível pela mentira, pela trapaça, pela invenção e pela imaginação da arte.”

Para concluir, gostaria de lhes contar uma história. Dizem que há muito tempo, talvez no início do século XIX, vivia um rabino hassídico em Yedenitz, aldeia no sudoeste da Rússia (onde hoje é a Moldávia, terra onde nasceu a minha avó). Era conhecido por sua longevidade, mas sobretudo por sua sabedoria. Por isso, era sempre procurado por aqueles interessados em resolver dilemas aparentemente insolúveis. O bom homem sempre tinha uma resposta para todos.

Em uma noite de inverno, já bem tarde, alguém bateu à porta do velho rabino. Pronto para fazer a caridade de acolher em sua casa o viajante cansado e faminto, o

---

<sup>19</sup> DELEUZE, 1983, p. 14.

<sup>20</sup> “Escrevo para brincar [com] as palavras, juntar as que não estão juntas, emparelhar as que são díspares, disparar onde seriam fixas, contrariar a lógica da sua disposição”, dirá CAMPOS, 2019, p. 82.

<sup>21</sup> PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 100-110.



rabino abriu a porta e encontrou um jovem muito angustiado. Ofereceu-lhe abrigo, alimento e calor junto ao fogo, mas o jovem recusou, obstinado.

“Em que posso lhe ser útil?”, perguntou o ancião, intrigado.

“Rabino”, disse o jovem, “tudo que eu quero é que me responda: Qual o sentido da vida? Essa pergunta me aflige, me faz sentir perdido, e não estou certo se consigo respondê-la de maneira correta quando leio as escrituras.”

O rabino pensou um pouco e respondeu: “Bem, diante da inquietação que o enigma sobre o sentido da vida lhe provoca, você tem três soluções. Na primeira, já que com a incerteza não é fácil de conviver, você deve acreditar que o saber e a verdade sobre esse enigma estão em algum lugar, e um dia você os encontrará, se escolher uma dessas duas opções: ou você se torna um religioso ou se torna... um cientista.”

“Isto é simples, mas limitado demais”, disse o rapaz. “E qual é a segunda solução?”, perguntou.

“Na segunda, já que é mesmo muito difícil conviver com a sensação de estar perdido, você simplesmente não suporta a realidade desse enigma e seu mistério, e aí passa a não querer mais saber dele. Tudo que tem de fazer é esquecer-se disso, constantemente. Se assim o fizer, você se tornará...paciente de um psicanalista, um profissional que somente passará a existir no final deste século.” (Nosso rabino era também um profeta...).

O rapaz refletiu: “Não é muito complicado, mas parece tão pobre e monótono, sem contar a longa espera até esse “psicanalista” aparecer.

E perguntou: “E a terceira solução, qual é?”

O rabino ficou calado algum tempo e finalmente disse: “Na terceira, você aceita conviver com esse enigma. Não é fácil, pois você terá de tolerar a incerteza, o desamparo, o vazio e a impossibilidade.”

Muito espantado, o rapaz perguntou: “Mas o que eu ganho com isso?”

“Não se trata de ganhar”, disse o rabino, e as opções que estou sugerindo não são mutuamente exclusivas, “mas, talvez, somente assim você encontrará o caminho da arte e da ficção.”



## Referências

- CAMPOS, Ítalo. *Por que escrevo*. Goiânia: Kelps, 2019.
- CARVALHO, Ana Cecília. O método e a criação literária: uma visão psicanalítica. *Revista de Psicanálise Psychê*. São Paulo: Unimarco, ano VI, n. 9, p. 67-74, jun. 2002.
- CARVALHO, Ana Cecília. O processo de criação na produção literária. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Brasília, ano 14, n. 1,2 e 3, p. 4-9, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Critique et clinique*. Paris: Editions de Minuit, 1983.
- FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia. v. VIII da *Edição Standard das Obras Completas de S. Freud*. Imago: Rio de Janeiro, 1976. p. 283-307. (1922).
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. v. IX *Edição Standard das Obras Completas de S. Freud*. Imago: Rio de Janeiro, 1976. p. 147-158. (1908).
- GREEN, André. *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- KLEIN, Melanie. *O sentimento de solidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- LAPLANCHE, Jean. *A sublimação* (Problemáticas III). São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LOPES, Ruth Silviano Brandão. O texto literário como possível do desejo. *Cadernos de Psicologia da UFMG*, v. 4, n. 2, jun. 1987. p. 9.
- MOREL, Denise. *Ter um talento, ter um sintoma*. São Paulo: Escuta, 1990.
- ORWELL, George. *Por que escrevo e outros ensaios*. Lisboa: Editora Antígona, 2008.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: \_\_\_\_\_. *Flores da escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 100-110.

-----

Recebido em: 13/09/2019.

Aprovado em: 23/09/2019